
“COMO O PÃO E O VINHO SE TORNAM O CORPO E O SANGUE DO SENHOR, GOSTARÍAMOS QUE O NOSSO BAIRRO SE TORNASSE ESPAÇO DE DEUS AQUI NA TERRA”

1 - Como surgiu a comunidade paroquial de Santa Maria Goretti?

RESPOSTA. Antes de eu chegar com meu grupo ou comunidade interna de voluntários e seminaristas, havia na área uma comunidade que se reunia numa capela de propriedade da família Aloysio e Francisca Medeiros. A capela era dedicada a Santa Maria Goretti, mas o vigário de S. Pedro e S. Paulo no Guamá dizia simplesmente Santa Maria. Tal Vigário era um franciscano do Sul do país de nome João da Cruz. Ele esperava que eu com minha comunidade de voluntários e seminaristas me colocasse ao seu serviço –a começar pela cobrança do dízimo de casa em casa- mas o Arcebispo dom Alberto impediu a realização do seu sonho, criando na hora o CURA de S.Maria Goretti (em 28 de abril de 1976), um território juridicamente independente e na espera de virar paróquia. Tal território equivalia mais ou menos a meio km. quadrado situado, em sentido longitudinal, entre o Rio Guamá (Av. Bernardo Sayão) e a Rua da Conceição, ao longo do seu último trecho, nas proximidades do Pão de S.Antonio. Em sentido de largura, se estendia entre a José Bonifácio e a III de Maio, somando um total de 18 quadras, sendo incompletas as três banhadas pelas águas do Guamá.. Naquela época devia haver na área uns 10.000 moradores, enquanto hoje poderiam chegar a 20 ou 25.000. Chegamos ao lugar em 29 de abril e o nosso trabalho começou no primeiro domingo de maio com dois batizados e missa à noite na rua, pois a capela não teria sido por nada suficiente a acolher uma participação que podia gerar surpresa, como de fato aconteceu.

2 - Como era a realidade social do bairro naquela época?

RESPOSTA. Além de sofrer por todos os problemas típicos dos bairros de Belém –ausência dos poderes públicos e presença exuberante de políticos interesseiros, falta de água, esgotos e higiene elementar em muitos casebres desconexos, desemprego, pobreza e miséria a vista, desordem moral e banditismo com muita, muita música e festas- havia no lugar alguma problemática específica. O povo era muito briguento. Eu mesmo várias vezes assisti a brigas de rua, até ver o sangue escorrer. Havia sempre alguém que, observando a briga, gritava: “queremos ver o sangue”. Entre as passagens mais perigosas havia uma chamada “cabaré dos bandidos” e o povo contava que aí tinham sido cometidos vários assassinatos. Outro problema específico dizia respeito a consistência da viabilidade. Ruas e caminhos eram perpetuamente lamacentos e, percorrendo-os, se podia enterrar a perna até o joelho. Para que

os caminhos adquirissem devagar mais transitabilidade, o forno da cremação mandava jogar neles caminhões de detritos triturados e queimados, provocando cheiros insuportáveis por semanas e meses. Ao centro do bairro, lá onde surgiriam a igreja e se implantariam as atividades paroquiais, havia um prédio de forma quadrada com quintal no meio, mas não levado a termo. Tinha sido construído, por sugestão de uma irmã salesiana, pelo brigadeiro Camarão da Aeronáutica Militar, em vista de organizar uma escola para as crianças do lugar. Na época em que nós aparecemos, naquele prédio meio abandonado se organizava e praticava a prostituição. Uma pequena comissão acompanhada por mim pediu à Aeronáutica o uso do prédio que passou a chamar-se Centro Comunitário Maria Goretti e se tornou minha moradia e da comunidade interna, se tornou capela, enfermaria, escola comunitária, lugar de moradia para algumas famílias sem casa, lugar de reunião para mães, jovens, alcoólatras, universitários e até grupos de orientação política muito suspeitados e temidos em tempo de ditadura militar. Por vários períodos, a UFPA mandou para o nosso centro comunitário alunos que aí cumpriam seu tirocínio prático na área do serviço social, ensino, educação popular e até na área de medicina.

3. Como foi possível instalar no prédio inacabado tanta gente e tantas atividades?

RESPOSTA. O prédio inacabado não era grande e tinha somente a parede perimetral e o teto. A parede voltada para o quintal interno não existia, como não existiam as paredes divisórias. Resolvemos o problema com compensados, tabuas, papelões e lonas e, da mesma maneira, ocupando espaços externos ao prédio. No meio do quintal interno havia, pois, um poço que dava água a toda hora, sem ou com torneira. Nos dias de falta de água se formava uma procissão de pessoas vindas de todo o bairro para atingir e levar água de todas as formas. A procissão, porém não era de algum modo devota. Havia sempre brigas e se exigia a presença de alguns de nós para que as brigas não chegassem a tonalidades perigosas. Nós achávamos que aquele poço devia ser um elemento fundamental para criar uma comunidade. A esta altura não sei dizer se mesmo serviu ou não ao fim de fazer encontrar o povo. Com certeza não impediu que o povo se conhecesse, mesmo sem chegar a dar provas de fraternidade.

4 - Como era realizada a pastoral no início?

RESPOSTA. Se fazia tudo espontaneamente e sem colocar condições para, batizar, crismar ou abençoar falecidos. Eu visitava até centros de Umbanda, mas na hora os responsáveis do lugar desapareciam e nunca me deram oportunidade de conversar e cumprimentá-los. Sobretudo não colocávamos condições de pagamento quando se tratava de batizados, casamentos e missas. Deixávamos, para quem queria, que oferecessem algo espontâneamente. A catequese, a liturgia, os batizados, as reuniões de grupos eram realizadas no Centro Comunitário e nas casas particulares. A partir das reuniões nas casas, na área se formaram comunidades menores que às vezes chegaram a construir capela própria. Nestas capelas ou casas particulares eu celebrava uma vez por mês, batizava e, às vezes, convidava o bispo para crismar. Nas grandes festas do ano, toda comunidade ia participar das celebrações na capela central. O concurso maior acontecia no Domingo dos Ramos, pois a

procissão parecia recolher pessoal pelas ruas levando todo mundo até à capela central chamada de igrejinha. Quando deixei a paróquia em 1991, funcionava na área uma dúzia de comunidades menores, sendo que 9 delas possuíam uma capela ou um ambiente específico chamado capela. Se bem me lembro tínhamos lugares de encontros e celebração nos seguintes logradouros: Pass. S. Miguel, Pass. S. Lúcia, Pass. S. Helena, Pass. S. José, Pass. Dr. Ramiro, Vila Esperança, Rua XIV de abril (2), Pass. XXI de abril, Pass. S. Cristóvão, Rua Paulo Cícero, Pass. S. Fé, Rua Castelo Branco (2), Rua Silva Castro, Pass. Alvino, Pass. S. Marta, Pass. Hugo Richardson, Pass. Bugarim e no Porto da Palha. À lembrança destas comunidades hoje se encontram na paróquia três Igrejas subsidiárias: Jesus Libertador na Paulo Cícero, S. Vicente na S. Miguel e S. Clara de Assis na Hugo Richardson.

5 – Com esses encontros e celebrações espalhadas demais vocês não achavam de perder tempo e concluir pouco?

RESPOSTA. Ao contrário, nós pensávamos que não se podia chegar a comunidades grandes sem partir das pequenas. Mas, para tal metodologia, havia razões mais profundas. Antes de tudo o bairro não gozava de ruas ou passagens transitáveis, se não por alguns metros na frente das casas e nem sempre. Naquela situação o povo não estava em condição de se reunir longe de casa. Em segundo lugar, nós partíamos da convicção que a igreja tinha abandonado aquele povo desde muito tempo e a imaginação nos indicava de finalmente ir procurar o povo lá onde estava, sem exigir que ele se movesse. Tinha-me formado esta idéia trabalhando nas comunidades do interior onde a chegada do padre, uma ou duas vezes por ano, era motivo de júbilo desmedido. Além disso, permitíamos e autorizávamos que cada comunidade tivesse a sua caixinha e as diretorias locais decidissem como gastar o dinheiro. Esta providência porém não era bem acolhida por pessoas muito religiosas e muito apegadas ao sistema tradicional de centralizar tudo e de vigiar tudo olhando do alto para baixo. Para nós era este um dos maiores limites da pastoral paroquial da época. e, provavelmente, de hoje também, Daí a oportunidade de colocar, no lugar do padre, a própria comunidade ou, mais simplesmente, os leigos. Padre é sinônimo de concentração, leigo pode se tornar sinônimo de irradiação e presença universal. Padre pode faltar, mas leigo nunca falta, em nenhum lugar.

6. Esta sua idéia não é um pouco desorientadora?

RESPOSTA. Todas as idéias são desorientadoras. O desastre é não ter idéias. Deixando tudo o que pode na mão dos leigos, o padre não tem nada a perder. Ao contrario, terá mais tempo e mais disponibilidade para conversar, visitar, animar, encorajar e, também, estudar e refletir. Não se trata de mandar o padre para o brejo, mas de valorizá-lo muito mais e de valorizar dois bilhões de batizados que são também filhos de Deus e chamados a realizar o seu Reino. O problema maior da Igreja não é a falta de padres, mas a falta de leigos em sua grandíssima maioria. Faltam um bilhão de leigos na Igreja católica e outro bilhão nas Igrejas evangélicas.

7 - Quais foram as primeiras construções? Veio auxílio do estrangeiro?

RESPOSTA. Para as comunidades espalhadas comprei pelo menos uma meia dúzia de casas e levantei três capelas propriamente ditas hoje todas em alvenaria: Cristo Libertador, S.Vicente e Santa Clara de Assis. As verbas vinham normalmente da Itália e de maneira espontânea: de amigos, parentes e conhecidos. Naquele tempo tinha amigos em toda Itália por ter dado aí, aos professores da escola obrigatória, umas quinhentas palestras, do Piemonte à Sicília e da Ligúria ao Friuli, sem excluir a Suíça de língua italiana. A primeira capela de S.Vicente de Paulo, com a casa religiosa anexada, foi construída com verbas das Irmãs Franciscanas de S.José (Alemanha e Curitiba) que aí se instalaram e se encontram ainda hoje a serviço tanto da comunidade local quanto da paróquia. No centro comunitário Maria Goretti levantei uma capela de madeira de m. 10 x 20 e sempre com dinheiro vindo da Itália, em 1978, na hora de cumprir 50 anos. Em seguida mudei as estruturas básicas de madeira com estruturas de cimento, mas deixando que houvesse comunicação total entre a igreja e o jardim. As plantas do jardim entravam na igreja com seus ramos contortos e, após a liturgia, o povo parava no jardim a contemplar nossas criações: passarinhos coloridos, peixes, pombos, macaquinhos, cotias, tucanos e araras. O povo se achava bem no jardim e freqüentemente devia convidá-lo a voltar para casa. Por baixo do assoalho da igreja havia água e lama de todas as origens e até um jacaré ainda adolescente. Quando na celebração eu dizia “o Senhor esteja convosco” o jacaré respondia com um típico movimento na água ouvido por todos. Como se fosse totalmente de acordo conosco.

8 - Quem foram os padres que trabalharam na comunidade?

RESPOSTA. Nos quinze anos sucessivos à minha experiência interrompida drasticamente por enfarte, passaram por aí pelo menos seis padres. O primeiro foi padre Moacir, salesiano que trabalha hoje na invasão Ché Guevara de Marituba. Em seguida apareceu padre Cláudio Pighin (PIME), padre Paulo de Tal (da ordem carmelita), padre Eloy (capelão da polícia), padre Bruno Secchi universalmente conhecido e, depois dele, o padre Maita, atual vigário. Antes de mim tinham trabalhado na comunidade dois vigários de S.Pedro e S.Paulo: mons. Manoel Teixeira, instituindo a capela da santa padroeira numa casa particular e, depois dele, feito Vigário de Castanhal, o padre João da Cruz franciscano do sul do país que, uns três anos após a nossa chegada, se transferiu para Manaus. Por alguns tempos trabalhou comigo, na pastoral, o xaveriano padre Mario Tognali, morando ao lado da capela de Jesus Libertador e também ele acompanhado por voluntários, seminaristas e alguns adolescentes desamparados...

9 - Quem foram os pioneiros leigos que ajudaram a formação da comunidade?

RESPOSTA. Alguns tinham vindo comigo. Eram seminaristas: Nonato de Santarém e José Sousa do Maranhão. Eram voluntários: Paulo Perna de Curitiba, Maximino de Teófilo Otoni,

Idaliana de Óbidos e Luiza Santim de Chapecó (S.Catarina). Na comunidade surgiram depois inúmeros voluntários que nos ajudavam morando em casa própria. Lembro entre outros: Bibiana Rodrigues, Cecília, Arlete, Francisca Medeiros (dona da primeira capela dedicada a S.Maria Goretti), Raffaella Crociati com o marido Francisco, Brígida com a filha Fátima Fonseca (em seguida coordenadora da pastoral arquidiocesana e d.ra em sociologia), Roselene, as irmãs Santinha e Moucinha costureiras, as irmãs Maria e Raimunda Marques (cuidando da capela e da moradia do padre), o casal Raimundo Henrique e Maria José, Maria Santana, Maria Vieira, Augusta, um casal vindo de Tomé Açu, José Ribamar e a professora Antonia, Manoel e a esposa, Leandro e Edith, vicentinos, com muitos outros e outras. Cada comunidade local tinha um ou vários animadores e até catequistas. Em geral, a coordenar a comunidade local era uma família e, freqüentemente, com sua própria casa. Na Pass. Bugarim, na XIV de abril, na III de Maio, na Silva Castro, em São Dimas na XXI de Abril, na S.Marta, na Hugo Richardson, no Porto da Palha, na Castelo Branco, na São José, na Vila Esperança, na Dr.Ramiro e na Paulo Cícero todo o trabalho pastoral dependia de uma família ou de algumas famílias do lugar conhecidas e associadas entre si.

10 - A comunidade contou com a colaboração de religiosas?

RESPOSTA. Varias famílias religiosas femininas vieram ajudar, mas depois dos primeiros anos e nem todas no mesmo tempo. Entre outras lembro as Irmãs Agostinianas que tinham no lugar um pré-noviciado e se responsabilizavam com algumas comunidades da redondeza. A superiora delas era Irmã Ângela Traldi que, antes e depois da aventura no Guamá, tinha sido e iria ser superiora geral da ordem. As irmãs de Nossa Senhora de Namur e, entre elas, a irmã Doroty Stang. Elas trabalhavam em vários lugares e na nossa paróquia tinham a casa de referência. A irmã Doroty conhecia a nossa experiência com a formação de seminaristas e a encorajava com todo coração. Outra irmã da sua ordem, Rebeca Spyre, trabalhava no CIMI que, por vários anos e sob a guia de padre Nello Ruffaldi (PIME), teve a sua sede na nossa paróquia. Quando se achava em Belém, padre Nello não faltava de rezar algumas missas do programa paroquial. Quem nos via um ao lado do outro podia pensar que éramos irmãos. Uma outra ordem feminina já acenada, a das irmãs Franciscanas de S. José (Alemanha e Curitiba) fizeram questão de se instalar na comunidade de S. Vicente, por causa da amizade que eu alimentava com elas, tendo-as conhecido na paróquia de Bujaru, prelazia de Abaetetuba., uns dez anos antes. Umas outras irmãs que encorajavam o nosso trabalho eram canadenses e moravam na paróquia contígua de S.Pedro e S.Paulo, na Pass.Joana D'Arc, sem falar nas irmãs do Pão de S.Antonio (capuchinhas) e na irmã Alice, dominicana. Hoje trabalham estavelmente na paróquia também as irmãs da Imaculada Conceição (PIME), tomando conta da comunidade e da capela do Cristo Libertador (Paulo Cícero) e grupos próximos...

11 - Fale um pouco sobre a criação da paróquia.

RESPOSTA. Criada antes como CURATO de S.Maria Goretti, no fim de abril de 1976, foi erigida em paróquia em 1983 com decreto de Dom Vicente Joaquim Zico que, naquela época,

era somente bispo coadjutor de Dom Alberto Gaudêncio Ramos. Dom Zico visitava freqüentemente o nosso centro comunitário e trazia para a nossa experiência visitas ilustres procedentes do estrangeiro. Entre outros lembro o bispo de Prato, don Fiordelli, especializado em problemas familiares e famoso na Itália (por ter sido condenado pela justiça civil, pois tinha recusado os sacramentos e a entrada na igreja a um casal irregular do ponto de vista do matrimônio) e o futuro cardeal Silvano Piovanelli, arcebispo de Florença. Outros eclesiásticos brasileiros, especialmente padres e bispos, vinham com freqüência conhecer uma experiência de pastoral considerada nova entre as que se adotavam na época.

12 - Porque foi escolhida Santa Maria Goretti como padroeira da paróquia?

RESPOSTA. Na capelinha de propriedade da família de Aloísio e Francisca Medeiros havia um pequeno quadro da santa mártir Maria Goretti. Dito quadro tinha vindo da Itália, se dizia, trazido pelo pracinha brasileiro Silvestre Fonseca, pai de Fátima Fonseca já citada. Ele tinha viajado para lá no ultimo ano da segunda guerra mundial, com o exercito brasileiro que ia libertar a Itália do fascismo e do nazismo. e se encontrou na Praça de S.Pedro, em Roma, em 1946, em ocasião da beatificação da menina de quase 13 anos. Ela tinha sido assassinada com 14 facadas pelo violento e perturbado Alessandro Serenelli, amigo de casa e lavrador nos terrenos alugados pela família Goretti. Eu, pois, conhecia bastante bem a história da mártir, tendo varias vezes visitado suas relíquias e lembranças em Nettuno, no santuário a ela dedicado pelos padres passionistas, e no sitio agrícola de Ferriere, ao sul-este de Roma, e não tive a menor hesitação em conservar aquele nome já muito conhecido também no Brasil. Na paróquia havia mulheres e meninas com aquele nome. A reforçar a idéia veio pois em ajuda o meu colega xaveriano padre Carlos Mantoni (1942/1998), natural de Corinaldo, a cidade natal da santa, e com família situada a poucos metros da casa em que a santa tinha vindo ao mundo. Ele nos mandou da Itália uma estátua da santa e pediu que a única irmã dela ainda viva, Ersilia, a que Maria carregava freqüentemente no seu colo, escrevesse para nós. Ao menos uma carta da Ersilia deve-se encontrar no arquivo da paróquia. A dita carta nos encorajava a trabalhar pastoralmente num lugar de paludes, desgraças e doenças bem parecido com a planície malárica em que a santa tinha vivido seus últimos anos num sitio situado em proximidade de Ferriere de Nettuno, em província de Roma.

13- Quando e como foi a construção da igreja atual?

RESPOSTA. O terreno para a igreja atual foi comprado por mim e pelo meu colega xaveriano padre Mario Tognali por alguns tempos ajudante na paróquia. Pagamos 20.000 dólares adquirindo a área de cinco casas e cinco quintais postos em seguida, na pass.S.Cristóvão, um ao lado do outro. A igreja atual, grandiosa e fascinante, foi construída ao tempo de padre Cláudio Peghin (PIME, nos anos 1991/92, se não erro) com financiamento vindo da sua diocese de nascimento: Vittorio Veneto, na Itália. O engenheiro também vinha de lá, mas não sei dizer se com o engenheiro veio também uma equipe de pedreiros.

14 – Me faça uma síntese da sua visão pastoral, da sua maneira de imaginar o caminho da paróquia.

RESPOSTA. Nas paredes da nossa capela em madeira havia uma escrita em letras da altura de um metro que mais ou menos dizia assim: "COMO O PÃO E O VINHO SE TORNAM O CORPO E O SANGUE DO SENHOR, QUEREMOS QUE O NOSSO BAIRRO SE TORNE O REINO DE DEUS AQUI NA TERRA". A nossa visão de pastoral era pé no chão e, uma vez celebrada a liturgia, mandávamos cada um a cumprir gestos e atividades de marca cristã: visita aos pobres, aos sem teto, aos doentes, e procura dos meninos de rua, interventos de melhora das casas e das estradas, formação de turminhas de catequese, organização de clube de mães ou de grupos que pudessem intervir na política, mais em geral qualquer tentativa que resultasse a favor das categorias mais afastadas ou ignoradas. Tentamos até transmitir uma certa consciência política e chegamos a ter na área um grupo do Partido dos Trabalhadores. Na sua visita a Belém, em 1984, o Luiz Inácio Lula da Silva não faltou de passar uma hora de conversa conosco, sentados em círculo numa palhoça do nosso jardim. A própria liturgia, com a vida, as ações, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus deviam empurrar para tudo isso. No fim da missa não dizia "Ide em paz", mas "Ide em guerra, ide mudar o mundo e torná-lo um pouco melhor". A força e o programa para mudar o mundo, a partir do próprio lugar, deviam ser tirados da liturgia, da catequese e da reflexão comunitária. Por sua vez, a vontade de celebrar, agradecer e ensinar devia vir da experiência do trabalho de transformação e sofrimentos a ele conexos. Para nós podia ser mais importante uma reunião de reflexão do que uma missa. O problema maior não era construir igrejas e celebrar, mas ter lugares em que a gente pudesse se reunir e discutir. O que faltava não era a religiosidade, mas a consciência do momento e a tensão para a mudança. Houve uma época em que a freqüência à liturgia parecia diminuir em vez que aumentar e as nossas iniciativas sociais arriscavam o isolamento e o desprezo. Foi quando passou uma semana entre nós o teólogo Clodovis Boff que me perguntava: "Quantas pessoas você convenceu, até agora, a respeito das suas idéias e propósitos?". Respondendo que fossem talvez quinze ou vinte, ele me disse textualmente: "São muitíssimas e deve prosseguir o caminho, sem mais algumas dúvidas".

15 – O povo da sua paróquia participava de manifestações que aconteciam em nível de cidade ou de arquidiocese?

RESPOSTA. Os primeiros oito anos da comunidade paroquial (1976/1984) foram vividos sob a ditadura militar no Brasil. Frequentemente, com grupos reduzidos de 15, 30, 50 pessoas participávamos de manifestações populares pelas ruas de Belém. Durante os últimos dois anos da ditadura militar, em companhia dos voluntários e seminaristas da casa paroquial e de varias pessoas da paróquia participamos do Movimento de Libertação dos Presos do Araguaia.. O grupo de protesto, formado por nós, por alunos do Ipar, por religiosos e religiosas e por pequenas turmas vindas das paróquias periféricas da cidade, a cada noite parava na frente da Policia Federal (na Rua XIII de Maio, se bem lembro), onde os padres Aristides Camião e Francisco Goriou, das Missões Estrangeiras de Paris, viviam presos, para

rezar, cantar e refletir sobre o dever cristão de resistir às pretensões do regime autoritário consideradas injustas. Os bispos da região chegaram a rezar aí mesmo missa na hora dos nossos encontros, enquanto a polícia lançava faróis contra o grupo, batendo fotografias a cada instante, mas sem mexer em ninguém. Somente parecia querer documentar-se em vista de decisões a tomar mais adiante. Em 1984, quando o regime decidiu julgar os dois padres franceses, na manhã marcada para o processo, o mesmo grupo de contestadores se reuniu na Igreja da SS.ma Trindade. Chegou então a polícia que, circundando a igreja com cães e metralhadoras, não deixava ninguém sair até às 18 horas da tarde. Na igreja tinha mulheres e crianças, inclusive algumas mães de Santa Maria Goretti acompanhadas pelos filhos adolescentes candidatos à crisma, pois eu, entre outras coisas, queria que se tornassem dignos do sacramento aprendendo a ver a polícia de outra maneira e resistindo aos métodos violentos dela. Havia pessoas desmaiando, outras que precisavam de comer ou beber ou poder repousar, mas a polícia não permitia sair daquela prisão. Naquela mesma tarde, o coronel responsável do Presídio São José, onde eu trabalhava como capelão e reunia os presos autorizados por ele a falar e a pedir mudanças na convivência prisional, chegou com uma pequena tropa para me libertar daquela situação. Mas naquela parêntese de tempo eu tinha conseguido subir na casa paroquial do padre Aderson Neder, vigário da Trindade, e, não tendo sido encontrado pelo coronel, nada aconteceu.

16 – Me fale um pouco mais da preparação à crisma que se tentava desenvolver na sua comunidade.

RESPOSTA. Em relação a qualquer sacramento, nos parecia errado falar em palestras, reuniões ou lições consideradas indispensáveis. Para um povo abandonado desde séculos precisavam bem outras coisas. Precisava acolhida, simpatia, amizade, espírito de família. Eu preparava os noivos ao casamento conversando um par de vezes com eles, por meia hora, quarenta minutos ao máximo e depois celebrava o casamento sem fórmulas pré-fabricadas e querendo que os noivos celebrassem comigo, um à direita e outro à esquerda do padre. Em lugar de ler fórmulas usava palavras de explicação ou de conveniência ou inventava a fórmula na hora, em dependência daquilo que me sugeriam as circunstâncias. Sobretudo tentava criar simpatia e amizade com os noivos. Encontro alguns deles ainda hoje e nunca falta um abraço de comoção. Com as primeiras comunhões evitávamos de falar em roupa apropriada e igual para todos. Achávamos que isso era coisa de lugar burguês e não de pobres. Cada criança devia vir com a roupa que tinha e, se era pobre, podia vir sem camisa. Prometíamos que os sem camisa teriam sido colocados no banco de frente. Ver todo mundo igual para nós era mentira, manipulação e engano, além de perda de tempo. Com os crismandos imaginávamos uma programação totalmente nova. Com seis meses de preparação na frente, dividíamos tal período em quatro fases, com um ou dois encontros semanais, fazendo com que, em primeiro lugar, a turma da crisma se tornasse uma comunidade de irmãos, uma família. Os encontros deviam ser de convivência e isso por meio de uma merenda, de um passeio, de uma visita, de uma partida ou de um serviço à comunidade. Nestes encontros a parte doutrinal era reduzida a meia hora ou pouco mais, todo o resto a coisas práticas e de vivência. No primeiro período os crismandos deviam aprender a servir a

comunidade, limpando a igreja e seus arredores, visitando famílias pobres ou doentes com a finalidade de deixar aí um conforto ou alguma outra coisa. Num segundo período, os crismandos deviam aprender a ler e pregar na comunidade. Ler epístolas, da maneira devida, e tentar alguma explicação frente a todo o povo ou, pelo menos, a crianças da catequese. Num terceiro período, os crismandos deviam sair da paróquia e, na medida do possível, visitar outras igrejas ou outras comunidades. Ótima coisa teria sido visitar um hospital ou uma prisão. Num quarto período os crismandos deviam aprender a enfrentar os males da sociedade e tentar corrigi-los. Sendo um destes males constituído pela violência da polícia e do regime, levei um grupo deles até a Igreja da Trindade, para que pudessem participar do julgamento dos padres franceses e começassem a ter uma idéia diferente tanto da polícia quanto do regime da época.

17 - Naquela mesma época você ensinava filosofia e teologia na Universidade Federal, por conta da Comissão Episcopal Norte 2, tendo, entre alunos e alunas, os seminaristas do Pará e do Amapá. Como foi possível um acordo local entre Igreja e Regime quando, em todo o país, as duas instituições se olhavam de esguelha?

RESPOSTA. Havia sim um acordo por cima entre Igreja Regional e governo militar, mas nos corredores da Universidade Federal havia alguém que queria oposição entre as duas instituições, esperando que o governo abrisse os olhos. Em maio de 1977 vim saber que, na casa de dona Celeste Ribeiro, aluna de teologia e esposa do mentor do curso de Teologia e vice reitor da UFPA professor Nelson de Figueiredo Ribeiro –chefe também da diretoria do Círio de Nazaré e, em seguida, ministro da Reforma Agrária no governo Sarney- tinha chegado de Brasília um telegrama que exigia o fechamento imediato do curso de teologia. Porque o curso de teologia na mão de padres estrangeiros –eu e os colegas Tiago Van Vinden, Nicola Masi, Joaquim Farinha, Luis Pinto (paraense de Santarém) e outros poucos leigos- em vez de raciocinar entorno de Deus no céu, procurávamos esclarecer o que Deus queria que se fizesse na terra, contristando o posicionamento do governo brasileiro e seus patrocinadores. Devendo viajar para a Itália e achando-me em perigo de ser qualificado como pessoa não grata e então expulso do país, fui pedir proteção ao Reitor da UFPA, Dr. Malcher que conhecia por ter freqüentado a Basílica de Nazaré, onde ele assistia a missa e comungava a cada manhã, e ele me falou da seguinte maneira: “Não passei vossos nomes para o governo federal e nunca os passarei. Viaje tranquilo”.

18 - Naqueles mesmos anos você teve outros problemas com o governo federal ou com a polícia?

RESPOSTA. Sim, pelo menos cinco vezes e, cada vez em relação à paróquia e ao trabalho pastoral que aí tentava de desenvolver. Em 1978 fui acusado por um candidato a vereador de ser inimigo do regime e da pátria brasileira, ao mesmo tempo em que me servia de uma propriedade da Aeronáutica Militar –o centro comunitário Maria Goretti- para criticar o regime autoritário do país. Foi convocado por um coronel da arma no quartel da Aeronáutica, na Av. Julio César, e asperamente reprovado por aquela presumida conduta, deixando

entender que teria sido punido à altura do caso. Poucas palavras do brigadeiro Protásio Lopes de Oliveira resolveram o problema sem qualquer consequência... Eis o conselho que ele me deu: “Faça no Brasil tudo o que achar certo, mas evite de ter inimigos pessoais. O padre Jentel foi expulso do país porque tinha um adversário pessoal , um político do lugar”

19 – Me fale das outras quatro aventuras que teve em relação à polícia.

RESPOSTA. Em 1980, após ter recebido vários avisos, por escrito, que recomendavam de me cuidar para não ser exterminado pelo CCC (comitê de caça aos comunistas) e após ter notado que um policial , na porta da sala de aula da UFPA, acompanhava ordinariamente minhas lições de teologia, enquanto aos domingos outros policiais gravavam minhas homilias alojando-se numa jipe atrás da capela, fui acusado de meter a Igreja contra o Estado e então de ser responsável por um crime contra a segurança nacional. Acompanhado por José Carlos Castro, advogado de confiança da CNBB, sofri seis longos interrogatórios pelo comandante Fabiano Lopes, atualmente implicado na chacina dos posseiros em Eldorado dos Carajás, da duração de aproximadamente 90 minutos cada. Todo mundo previu então, e os jornais falavam no mesmo sentido, que teria sido expulso do país como tinha acontecido com o meu amigo padre Giuseppe Fontanella, da diocese de Piacenza, na Italia. Mas, durante uma viagem para a assembléia dos religiosos no Rio de Janeiro, parei em Brasília e contei tudo ao Núncio Apostólico no Brasil dom Carmine Rocco - eclesiástico muito humano que eu conhecia pessoalmente - e ele telefonou duas vezes ao Arcebispo de Belém, pedindo-lhe que interviesse em meu favor. Foi o próprio dom Alberto que me informou dos telefonemas recebidos, falando no tom napolitano típico de Dom Carmine Rocco. Com uma palavra de Dom Alberto ao comandante da polícia militar, a nuvem se dissolveu em poucas horas após três meses de ansiedades e tristes cogitações.

20 – No âmbito da Igreja regional, a sua atuação era automaticamente aceita ou suscitava reservas?

RESPOSTA. Sim e não, em dependência dos lugares em que me achava a trabalhar. Em Óbidos, Santarém, Xingu, Marabá, Conceição de Araguaia, Abaeté, Cametá ou Ponta de Pedras eu podia falar com liberdade e dizer tudo o que pensava. Não era assim nos outros lugares do Pará, inclusive em Belém. De fato, no final daquele mesmo ano 1980, um aluno que freqüentava o IPAR dizendo-se militar reformado e com função administrativa na arquidiocese, me acusou de ser um perigoso professor de história da Igreja. Ele morava nas proximidades da paróquia e, às vezes, participava das nossas liturgias. Foi convocado a responder frente a uma reunião dos bispos da região tanto sobre as aulas de história da Igreja quanto sobre outras questões arrumadas na hora. Fiquei inocentado e punido ao mesmo tempo. Inocentado porque mantive as minhas funções no IPAR -vice diretor e coordenador dos estudos- voltando a ensinar no segundo semestre de 1981. Punido, porque foi suspenso do ensino por um semestre e destinado a ensinar Patrologia em lugar de História da Igreja. Para informar-me da punição que me tinham infligido, dom Patrício Hanrahan, bispo de SS.ma Conceição do Araguaia e presidente do Regional Norte 2, veio até minha barraca de

madeira no quintal do Centro Comunitário Maria Goretti , pedindo-me desculpa. Os alunos do IPAR, porém, tinham já feito uma greve de protesto contra o comportamento não suficientemente claro dos responsáveis eclesiais e tinham recebido apoios de dom Helder Câmara, Pedro Casaldáliga e varias instituições de ensino teológico no Brasil.

21 – Você teve problemas também em relação ao Círio de Nazaré. Me lembre pelo menos um fato.

RESPOSTA. Eu estudava o fenômeno Círio de Nazaré e enxergava a mina de valores que podiam ser encontrados naquela manifestação popular de dois séculos de tradição exaltante. Tinha feito uma pesquisa, em função do ensino de teologia na UFPA e no IPAR e tinha publicado, pela UFPA, um livro sobre os conteúdos positivos e irrenunciáveis do Círio. Mas sabia também que o círio era muitas outras coisas e me achava muito crítico em relação a políticos ou empresários que, na primeira fila, podiam ou procuravam aproveitar daquela grandiosa manifestação por interesses nada religiosos. Uma vez chegou para ver o Círio o presidente Figueiredo e alguém me perguntou que parecer podia dar sobre o caso. Respondia que, se Figueiredo se escondia no meio do povo a rezar sem ser reconhecido, não tinha nada em contrario. Mas, se ele tivesse-se colocado no meio do Povo com a evidência devida ao Presidente da República, não teria ficado de acordo. Em outubro de 1982, a distância de poucos dias do Círio, os jornais de Belém andavam bisbilhotando que, durante a grandiosa procissão, teriam sido seqüestrados alguns padres e leigos entre aqueles que, a cada noite e com seu povo, protestavam contra a prisão dos já citados missionários franceses Aristides Camiô e Francisco Goriou. Os dois eram acusados de serem autores intelectuais de uma emboscada de posseiros que, em S. Geraldo do Araguaia, tinha terminado com uma vitima fatal entre o pessoal da polícia. Os jornais indicavam sobretudo o meu nome e aquele de padre Bruno Secchi, universalmente conhecido na cidade de Belém. Na frente da procissão havia bandeiras e escritas que pediam a libertação dos padres acusados e dos treze posseiros que tinham organizado a emboscada e que eu visitava freqüentemente no presídio S.José. Nas proximidades da basílica de Nazaré a polícia militar irrompeu na procissão e queimou cartazes e bandeiras bem à altura dos grupos que representavam os bairros periféricos e então também eu e outros paroquianos. Num instante ficaram presos o diácono franciscano frei Manoel e o padre Sciucchetti, superior provincial dos jesuítas chegado propositalmente da Bahia para encorajar a generosa disposição dos católicos de Belém. Desta maneira os dois padres mais visados ficaram livres do golpe enquanto, ao lado deles, marchava também o Superior Geral dos padres cruzios que, provindo da Holanda, queria apoiar e encorajar a nossa resistência naquela perigosa conjuntura.

22 – Qual foi a sua última colisão com a polícia?

RESPOSTA. Talvez seja a seguinte. No final de 1982, no pequeno bairro de São Miguel, próximo da Cremação, mas pertencente à nossa área paroquial, quinze famílias atendiam a hora de serem despejadas de suas casas consideradas abusivas. De fato tinham sido construídas sobre aterro vindo do forno da Cremação e espalhado e amassado ao ponto de

emitir um cheiro insuportável. A ordem de despejo tinha sido publicada pelos jornais e, no dia marcado, a polícia chegou jogando nas ruas os pertences daqueles desesperados pobres: móveis mofados, roupas e trapos lacerados, baldes amassados, talheres enferrujados com crianças e mulheres chorando. Na hora fui chamado no lugar junto com alguns jovens da comunidade interna. Procurei logo falar com os policiais dizendo eles: “Vocês não tem vergonha de expor estas misérias na rua? Se o presidente Figueiredo soubesse o que vocês estão fazendo, jogaria todos na prisão”. Mas, tendo sido esvaziadas somente algumas casas, me coloquei na porta daquela que era mais próxima a receber o despejo de coisas e pessoas. A polícia me abordou dando a entender que queria cumprir uma ordem do alto. Mas eu me antecipei dizendo: “Podem entrar sim nesta casa, mas só passando por cima de mim”. Vermelhos de raiva e humilhados os policiais se afastaram em silêncio e cada família voltou a morar no próprio lugar. Poucos dias depois, em data primeiro de janeiro de 1983, a comunidade de São Miguel e de toda a paróquia festejou a vitória na praça, com presença e missa de dom Vicente Joaquim Zico e se inaugurou uma oitava comunidade eclesial de base: a de S. Vicente de Paulo, ainda viva e operante em 2007 e com capela em alvenaria. Alguns meses depois, naquele mesmo ano (1983) o arcebispo coadjutor dom Vicente Joaquim Zico erigiu a paróquia de Santa Maria Goretti.

23 - Conte algo da sua família e sua vida na Itália.

RESPOSTA. Nasci em 1928. Sexto de nove irmãos e uma irmã. Minha família era pobre e sobrevivia cultivando sete ou oito hectares do patrão. Entrei no seminário da minha diocese (Brescia) com 14 anos. Passei aos xaverianos após a quinta classe ginasial em 1946, fiz o noviciado em Ravenna, a filosofia em Desio (Milão) e a teologia em Piacenza. Fui ordenado padre na catedral de Piacenza durante o terceiro ano de teologia e passei o quarto ano trabalhando como ajudante do vigário numa grande paróquia periférica (SS.ma Trindade). Completei meus estudos após ter passado dois anos no Brasil. Na Universidade Urbaniana de Roma consegui a licenciatura e o doutorado em missiologia (teologia das religiões) com a nota “summa cum laude” em 1971. Aqui no Brasil fiz um ano de pos-graduação em problemas da Amazônia, na UFPA, em 1973 e, na mesma, me tornei professor de teologia e filosofia por acordo entre a Igreja regional e a própria Universidade Federal.

24 - Quando você chegou ao Brasil, quais outros trabalhos enfrentou antes de assumir Santa Maria Goretti?

RESPOSTA. Cheguei duas vezes: em 1966 e em 1972. Ajudei em paróquias e cuidei de capelas na Ilha das Onças e de Outeiro, no baixo Acará, na cidade e interior de Bujaru e na área de Benfica e Murenim no município de Benevides. Fui, e ainda sou, professor em vários seminários maiores: Belém, Manaus, Santarém. Administrei cursos em quase todas as dioceses do Pará e preguei retiros a padres, religiosos e seminaristas no Pará, Amapá, Piauí e Maranhão. Trabalhei alguns anos com padre Silvano Rossi (diocese de Cremona) na paróquia de Santa Edwiges e, atualmente, ajudo na pastoral da paróquia de Santa Rita de Cássia, na Cidade Nova, cuidando da comunidade de Guadalupe e outras menores. Ensinei muitas

disciplinas ao longo de 34 anos, mas nunca abandonei o trabalho pastoral. Fazia questão de juntar um ao outro, como se tratasse de duas realidades inseparáveis. Sempre tive seminaristas em casa e nas aulas. Achava que devia ensinar a eles em duas maneiras: por meio da escola e por meio da minha vida, sobretudo na hora de enfrentar e assumir os diversos problemas de uma comunidade ou de uma paróquia.

25 - A propósito de seminaristas ouvimos dizer que você chegou a ter um seminário paroquial em Santa Maria Goretti e viu mais de vinte dos seus jovens chegar à ordenação sacerdotal.

RESPOSTA. Pela precisão foram 26, sendo três deles da Igreja Anglicana. Mas devo esclarecer que os primeiros dez entre eles tinham saído do grupo antes daquela hora e estavam tornando-se padres em congregações ou seminários diocesanos diferentes... Com os restantes, sempre em aumento e formando o Movimento S. Cristóvão, queria chegar a implantar uma congregação de vida apostólica, enviando-os a pregar o evangelho nos países de missão e no Brasil ao mesmo tempo. Esta congregação nascente, mais sonhada que real, mas aprovada por cinco anos a título de experimento, pelo arcebispo dom Alberto Gaudêncio Ramo em 1986, queria ser também uma proposta de inovação na formação dos futuros padres, a contato com a realidade e os dramas cotidianos. Queríamos tirar os futuros padres de vários privilégios tanto adquiridos quanto impróprios e discutíveis em vista da missão de testemunhar o Evangelho no mundo atual. A formação devia-se tornar para eles uma autoformação exigida pela situação dos povos humilhados desta terra. O grupo era constituído de vinte seminaristas de filosofia e teologia quando eu fui obrigado, após dois enfartes, a viajar para a Itália e o arcebispo de Belém, dom Vicente Joaquim Zico, não encontrando na região algum bispo disposto a assumir a iniciativa, a declarou extinta na hora de se cumprirem os cinco anos previstos.. Entre outras coisas, ele tinha também ouvido dizer que eu nunca mais poderia voltar a Belém e retomar as rédeas do grupo São Cristóvão. Em base à decisão dele, os vinte seminaristas do Movimento S. Cristóvão se dispersaram pelo mundo a fora, emigrando para as dioceses de origem ou outras dioceses de preferência. Dezesseis entre eles conseguiram prosseguir o caminho até o fim e hoje estão trabalhando em várias áreas da Amazônia e do Brasil, chegando até Rio, S. Paulo e Curitiba. Dois deles, pertencentes à prelazia do Xingu, trabalharam em seguida ao lado ou bem perto da irmã Doroty Stang e hoje são *marcados para morrer*. Um se chama José Amaro Lopes, maranhense e pároco de Anapu, o lugar onde a irmã foi assassinada. O outro é padre Aderney Gemaque Leal, paraense do Marajó, pároco de Porto de Moz e coordenador da pastoral da prelazia do Xingu.

26 – A sua visão a respeito dos futuros padres era aceita tranquilamente nos meios eclesiais da região?

RESPOSTA. Quem dera! Nós tínhamos bastante acolhida no IPAR, onde os nossos seminaristas estudavam e eu era professor e coordenador dos estudos. Mas havia desconfiança e suspeita noutros ambientes, a começar pela minha congregação. Por exemplo,

o superior regional que nós tínhamos àquela altura do campeonato achava erro grave misturar seminaristas com leigos como acontecia na comunidade de Santa Maria Goretti. Misturar seminaristas com leigos era criar confusão e desestabilizar a organização eclesiástica, derrubando os sacrossantos princípios da tradição católica. Mas eu sustentava precisamente o contrário, pois, pela minha opinião, o padre teria futuro só vivendo no meio dos irmãos como um irmão. Podia haver diferença entre padres e leigos, mas somente por dentro ou pelo grau de testemunho que o padre podia oferecer. Numa palavra, o padre se tornava diferente e superior à medida em que mais se abaixava e confraternizava com todo mundo. Doutro lado, como o padre podia ser consciente dos problemas da realidade e do povo explorado se vivia num degrau de distinção e superioridade?

27 - Nos fale um pouco das suas atividades humanitárias junto aos pobres, começadas na paróquia de Santa Maria Goretti e hoje estendidas a mais de 1.500 famílias das periferias da nossa metrópole.

RESPOSTA. Já tínhamos na paróquia de Santa Maria Goretti um posto medico, uma escola conveniada para crianças da área, distribuição de cestas básicas em ocasião do Natal, construção de casas para famílias sem teto e uma pregação sempre voltadas para a realidade social. A nossa palavra tanto era de Deus quanto era voltada para a situação dos mais pobres e explorados. Em 1986, um grupo de turistas romanos visitou a nossa paróquia e se empenhou conosco a trabalhar com crianças de rua. Eles teriam financiado a atividade e nós teríamos dado às crianças de rua condições de vida mais digna e de formação cristã. O grupo de Roma voltou para casa e fundou o MAIS (uma ong que se preocupa com problemas do terceiro mundo) e inventou as adoções à distância, atribuindo cada uma das nossas crianças de rua um padrinho ou uma madrinha na Itália. Transferida a casa dos meninos de rua para Murenim de Benfica, onde eu tinha sido vigário por quatro anos, funcionou até 2005 com quarenta crianças e adolescentes, enquanto a idéia das adoções a distancia se espalhava por toda a Itália e recebemos pedidos de empenho de Milão, Lodi, Brescia, Ferrara, Rovereto, Arzignano, Vicenza, Cremona, Parma, Pesaro, Roma e Reggio Calábria. Fundamos uma ong em 1998 de nome PROVIDA (= a favor da vida) e hoje vivemos ao lado de 1.500 famílias pobres da periferia de Belém, chegando até Castanhal, São Miguel do Guamá e Bragança. Destas 1.500 famílias, setecentas e mais se relacionam com a nossa ONG, seiscentas com o grupo de padre Giorge Paiusco, xaveriano de Padova, e duzentas com o grupo de dona Elena Negri de Lodi, já minha aluna em Roma, em 1968, num curso de preparação a trabalhar na América Latina. Os três grupos funcionam todos sob o nome de PROVIDA Atualmente trabalhamos também com cursos de profissionalização para os nossos internos, assistentes e assistidos, e para externos de nosso conhecimento, especialmente se pertencem às famílias das adoções à distância. Prosseguimos também com a construção de casas monoquarto para famílias sem teto. Umas cinqüenta casas realizamos entre os anos 2003/2006 e mais de trinta temos programado para 2006 e 2007. Dois grupos da Itália nos destinaram uma quantia suficiente para dar a trinta/ quarenta famílias um ninho simples e pobre, mas de alvenaria, com telhas de barro e piso de cimento seco e saudável.

28 – Não há ninguém que por aí vos acusa de assistencialismo?

RESPOSTA. Sim e não poucos. Os três grupos juntos distribuímos 30 toneladas de alimentos por mês a famílias cujos pais não tem trabalho ou a famílias onde os pais faltam ou onde faltam coisas indispensáveis como a comida, a escola ou a saúde... A gente, pois, não se limita a dar. Conhecemos as famílias uma por uma, lhes fazemos visitas, exigimos que as crianças freqüentem a escola e, com os pais, tratamos problemas de educação, higiene, habitação e trabalho. Temos cursos de profissionalização para pais, mães e filhos adolescentes ou adultos. Desta forma, aos que acham que somos assistencialistas respondemos que adolescentes e crianças não tem culpa por serem pobres e sem recursos e que, se por acaso não morrem agora que são pequenos, não gozando de bens indispensáveis ao crescimento, daqui para frente ficarão vítimas de fraquezas físicas e psicológicas congênitas e irreparáveis. Segundo a nossa opinião, o problema não está na assistência, mas na ausência... Quem não tem coragem de se mexer, tem que achar alguma desculpa ou alguma sombra de justificativa. Alguns confrades me desafiam da seguinte forma: “Quando você tiver morrido, tudo irá acabar e se perder em nada”. Ao que me vem de responder: “Vocês acham que devo trabalhar também de morto? Aquilo que estamos fazendo ninguém o pode cancelar. O que poderá acontecer depois de morto não me diz respeito nenhum”.

29 – Muitos observadores afirmam que vocês deveriam dar trabalho às famílias, não comida.

RESPOSTA. Isso seria nosso dever se fôssemos empresários, industriais, políticos ou governantes. Mas não somos nada disso e, sendo já padre, não gostaria ser outra coisa. Mas acho que o que estou fazendo esfomeando os pobres é um dever primário do padre e do cristão em geral. Não é bonito oferecer aos domingos o pão da vida eterna e durante a semana o pão de todo dia? Na multiplicação dos pães e na última ceia, Jesus ofereceu as duas coisas ao mesmo tempo. Será errado imitá-lo em dois tempos distintos? Digo mais. O pão se torna Cristo quando pronunciamos as palavras da consagração ou quando o dividimos? Como já disse, o cristianismo é oração e ação, é juntar o céu com a terra, é transformar este mundo e fazer dele o Reino de Deus. Neste projeto os dois pães se tornam meios indispensáveis e inseparáveis...

30 - Não me disse nada até agora da sua atividade missionária na Itália e no Brasil, pois você pertence a uma congregação religiosa de missionários para o mundo.

RESPOSTA. Trabalhei na Itália uns dez anos com a educação à mundialidade nas escolas do primeiro grau (de primeira à oitava) e trabalhei numa editora escolar que publicava livros para tal finalidade. Eu mesmo escrevia revistas e livros escolares. Se queria que? Se queria dizer que era próprio das crianças e dos jovens pensar ao mundo inteiro como pátria de cada um e como lugar da única família humana destinada a tornar-se família de Deus. No Brasil trabalhei

na linha 2 (linha missionária) ao lado de dom Ângelo Frosi antes e, depois, ao lado de dom Zico, ambos encarregados de perseguir os horizontes de um Brasil missionário, aberto para o mundo inteiro. Participei à apresentação do programa missionário brasileiro em S.Paulo, Brasília e Recife e fui coordenador do Comire (comissão missionária regional do norte 2). Hoje penso e escrevo a respeito de uma nova e surpreendente missão: a que è confiada não somente ao cristianismo, mas também a todas as outras religiões e culturas e exige uma participação universal de padres, religiosos, leigos, artistas, profissionais, esportistas, políticos, educadores, médicos, cientistas, tecnólogos, filósofos, teólogos e governantes. A que deverá realizar aqui na terra o Reino de Deus anunciado por Jesus e formado com os dados positivos de toda a humanidade.



VISÃO DA SEGUNDA CAPELA DE SANTA MARIA GORETTI. Em madeira, foi inaugurada pelo Arcebispo dom Alberto Gaudêncio Ramos em 1978. O povo do lugar conhecia somente o Jesus da sexta feira santa e chorava sobre ele seus pecados, mas não conhecia o Jesus do sábado a noite, o Jesus da ressurreição. Por isso mandamos pintar um quadro de Jesus ressuscitado para que fosse ponto de partida e de chegada da vivência paroquial. O modelo do quadro tinha vindo de S. Giovanni Rotondo (Foggia, Itália), e era uma das cenas da Via Crucis que se achava nos arredores do Convento de S. Maria das Graças, lugar da pastoral que aí desenvolvia o futuro santo Pio de Pietrelcina.



VISÃO DO CENTRO COMUNITÁRIO MARIA GORETTI do lado oeste da Passagem S. Cristóvão. À direita aparece em parte o prédio inacabado da Aeronáutica Militar que serviu como moradia, escola, enfermaria, sala de reuniões e capela até a saída da paróquia do padre Savino Mombelli, iniciador e primeiro vigário. Durante o seu reinado (1995/2000 ?), o padre Eloy, capelão da Polícia Militar, transformou o conjunto em arraial para as festas da comunidade.



UM DOS PANORAMAS que, mais freqüentemente, se podiam encontrar, de qualquer lado, na hora de transitar pelas passagens da área de Santa Maria Goretti. O substrato das passagens e das ruas, em lugar de vir de piçarra ou caliças, era tirado da montanha de lixo que saia do forno da Cremação, infectando o ar por meses e anos, especialmente à noite. Muito daquele lixo tinha vindo, em primeira instância, dos hospitais e clínicas e o povo contava de ter encontrado na beira das ruas membros humanos ainda inteiros.



SEMINARISTAS E AGENTES DE PASTORAL VOLUNTÁRIOS viviam juntos no Centro Comunitário Maria Goretti e trabalhavam juntos com alguma queixa e reclamação de quem achava errada a mistura. No quadro acima aparecem os de 1989. Seis deles se tornaram padres entre 1994 e 2000. Os nomes deles são Nestor, Nonato, Manoel, Rinaldo, Renato e Laércio. Hoje os mesmos se encontram trabalhando no Paraná, em S.Paulo, no Piauí, no Maranhão e no Pará.